

A VIDA EM CRÔNICAS

organizadora  
Patricia Biegging

# cotidiano nu e cru

  
peripécia

A VIDA EM CRÔNICAS

organizadora  
Patricia Biegging

# cotidiano nu e cru



peripécia  
2019

São Paulo



Copyright do texto © 2019 os autores e as autoras

Copyright da edição © 2019 Peripécia

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: by-nc-nd. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção Editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Administrador de sistemas	Marcelo Eyng
Capa e Projeto Gráfico	Raul Inácio Busarello
Imagem da capa	Raul Inácio Busarello
Editora Executiva	Patricia Bieging
Revisão	organizadora e autores(as)
Organizadora	Patricia Bieging

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C844 Cotidiano nu e cru. Patricia Bieging - organizadora. Série  
A Vida em Crônicas. São Paulo: Peripécia, 2019. 80p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-54008-02-4 (eBook)

978-85-54008-01-7 (brochura)

1. Crônica. 2. Cotidiano. 3. Vida. 4. Experiências.  
I. Bieging, Patricia. II. Título.

CDU: 82-3

CDD: 800

---

  
**peripécia**

São Paulo - SP - Brasil

Tel.: 55 (11) 96766-2200

E-mail: [peripecia@pimentacultural.com](mailto:peripecia@pimentacultural.com)

[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)



# Sumário

Hematita .....	5
<i>Paulo Roberto Marques de Oliveira</i>	
Milhões de coisas na cabeça .....	10
<i>Danilo Mendes de Oliveira</i>	
Eu e minha insônia .....	14
<i>Luciano Carvalho Chirico</i>	
A vida tem disso .....	19
<i>Fabia Monica Souza dos Santos</i>	
O anjo fofo .....	25
<i>Jamil Alves</i>	
Nutella .....	31
<i>Thiago Herminio Bordotti Zanetin</i>	



Sabe da última? Não te contei não? ..... 37  
*Marcelo Cardoso da Costa*

O latido silenciado ..... 43  
*Rafael Iglesias*

A impossibilidade do abraço ..... 48  
*Rafael Sanzio*

Hoje é Dia de Flores ..... 54  
*oCarlos Moraes*

Entre trilhos ..... 57  
*Charlene França*

Sobre o Natal ..... 61  
*Miriam Paiva*

Café ..... 66  
*Patricia Biegging*



# Hematita

Paulo Roberto Marques de Oliveira\*

De coloração prateada quando polido, esse mineral taxado como comum, ao ser feito em pó, facilmente, oxida, assumindo tons avermelhados, que logo fizeram os helenos darem seu nome remetendo ao líquido fervente que em nossos corpos corre continuamente. No entanto, para mim, ele assumiu significados outros, já que, ao completar de nossos três meses, nossa relação materializou-se em sua forma. Anéis de hematita preenchidos por nossos anelares direitos – parece uma coisa boba, mas de fato o é. Ser bobo não necessariamente está relacionado com ingenuidade. A bobeira, em minha concepção, manifesta-se quando um ser humano, mesmo vivendo em uma

\* Bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo e, atualmente, professor dos ensinos médio e técnico no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) em São Paulo. E-mail: oliveira.paulorm@gmail.com.



sociedade que o obriga a mascarar seus sentimentos e a fingir desinteresse pelas pessoas, decide mostrar sua essência e deixar fluir suas sensações, ideias, desejos e pensamentos sem se podar constantemente pelas interpretações das outras pessoas. Eis você – uma pessoa boba como eu!

Com nossas primeiras alianças do principal minério de ferro, firmamos material e publicamente, mais uma vez, a nossa relação para o mundo. Mais do que um vetor de interdição, a aliança deveria representar um laço, uma ligação metafísica, que transcende todas as explicações biologizantes. É nela que vemos e sabemos que aquela pessoa é amada, que é cuidada por alguém e que está compartilhando os momentos de sua existência com um outro ser humano. Não quer dizer que as pessoas que não a usam não possam ter esses elementos que escrevi, porém, as que usam nos dão essa certeza. Fico muitíssimo feliz de poder usá-la em conjunto com você! É incrível olhar para meu anelar direito e ver um artefato nele que me remete diretamente à pessoa que amo!

Neste segundo final de semana de setembro, ficamos juntinhos em minha casa. Finalmente, depois de várias tentativas de marcar um dia que todos pudessem, conseguimos introduzir os meus irmãos à arte de tomar açai. Já era hora! O Tuco, com sua década de existência, e o Dé, com seus dezessete anos, pouco sabiam a respeito do paraíso que é degustar um sorbet dessa fruta, que, segundo os Tupi, chora.



Se eu pudesse definir a nossa relação por meio de uma fruta, com certeza, diria que o açai é perfeito para tal. Ele é uma fruta investida de diferentes discursos em nossa sociedade. De “tem gosto de terra” a “Deus em forma de fruta” vão os comentários a respeito desse fruto bacáceo e acredito que esses olhares ambivalentes também recaem sobre nós. No entanto, há uma diferença evidente: o açai não será morto na rua por ser açai! A discordância não se transmuta em ódio.

Sabemos que há pessoas que se julgam importantes o suficiente no mundo e que insistem em opinar sobre nós. Para muitas delas, não importa o que façamos, elas vão sempre nos odiar. Porém, há aquelas, que, se mostrarmos uma outra forma de nos encarar, que não a do ódio, elas vão repensar seus valores (assim como o caso das pessoas que odeiam comer açai só com granola e frutas, mas, com creme de avelã e leite condensado, amam). Também existem seres que odeiam de antemão relações homoafetivas até terem contato com elas de fato (como as pessoas que nunca comeram açai e já falam mal porque fulano ou beltrano não gostam). E, por fim, há o grupo dos que se simpatizam conosco e até gostam da nossa relação, porque sabem que não há nada mais bonito que o amor.

Impossível como controlarmos essas opiniões, justamente, porque são externas, ou seja, provêm de fora de nossa relação, de pessoas que não sabem o que passamos, muito menos o que sentimos





um pelo outro. Além de não saberem, optam por permanecer oprimindo, por diminuírem formas outras de materialização do afeto, que fogem da usual heteronormatividade. Eis o anseio pelo controle, a fome de artificialismos, a construção de padrões (males do ambiente no qual vivemos)!

A sociedade fez questão de, igualmente, esconder o próprio meio natural sobre o qual foi edificada através de suas obras estranhas, que impelem as *Íris* a olharem para cima a fim de tentarem “*Ver a cidade*”. A horizontalidade (tão almejada em um passado recente) não mais se encontra entre as ambições humanas. O imperativo é crescer seja em altura, em números ou em conquistas... Em qual lugar chegaremos? Há algum objetivo definido? Ou só se quer um crescimento desnordeado?

Há exatos três meses, falamo-nos pela primeira vez e li seu “Grata surpresa” com muita alegria. Digo com a maior certeza deste mundo que “Grata surpresa” foi eu ter te conhecido: uma pessoa Inteligente, Amorosa, Gentil e Observadora. Um negro, pobre, periférico da cidade de São Paulo. Um homem-jardim-estação para o qual eu sempre retorno segundo Caymmi.

Escrevo este texto falando de um hoje. Momento que dá base para construirmos um futuro. Quero fazer isso ao seu lado! Tenho certeza de que o seu “amor de verdadinha” é real e é por isso que falo sempre sobre nossa reciprocidade.



Ekena não poderia ter escrito um verso melhor para poder me auxiliar neste instante que estou afetado pelas sensações que as memórias de você me trazem: “Eu juro juradinho / nunca mais me enjoar de você”.

O dia nove de setembro encerra-se com eu sentindo muito aqui dentro por você. Não de sentir dó como essa frase é comumente empregada, mas de sentir algo fortíssimo por alguém aqui em meu interior. Já passou do momento de dizer que quero que saiba que te amo. Sei que o sabe. Não quero de você nada além de sentir sua essência e suas materializações! Mal vejo a hora de voltarmos a nos ver! Saudade é o que me define ao findar dessas palavras!



# Milhões de coisas na cabeça

(do dia mais importante da minha vida)

Danilo Mendes de Oliveira\*

Minha mulher voltou a sentir as contrações. À tarde, tinha sido alarme falso. “Vamos lá”, disse eu. “Calma, espera mais um pouco”, disse ela. Cinco minutos depois, novas contrações. “Agora vamos”, disse eu. “Tá, é melhor então”, disse ela. Olho para a pia da cozinha. Tem uma pilha de louça suja. No carro, minha mulher tinha dores cada vez menos espaçadas. Eu dirigia e tentava manter a calma. No hospital, foi levada para uma sala no final de um longo corredor. Já eram onze da noite. Meia hora depois, minha mulher ressurgiu já com a roupa do hospital. “Vou ficar internada”. A enfermeira me diz logo depois que não poderei ficar depois da meia-noite. Despeço-me da minha esposa, que

\* Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Professor de História e Sociologia há cerca de 9 anos, diletante cada vez mais compulsivo pela leitura de ficção, principalmente pela obra de Julio Cortázar, Rubem Fonseca, Roberto Bolaño, entre outros escritores latino-americanos.



curiosamente parece mais tranquila. Entro no carro. Trafego pela Avenida Santo Amaro quase vazia. Com o vidro aberto, o vento bate enquanto penso em como minha esposa vai passar aquela noite. Chego em casa. Durmo. Já era meia-noite e meia do dia 28 de janeiro de 2015.

Às seis da manhã me levanto, tomo café e me arrumo. Antes de sair, olho para todos aqueles pratos, talheres, copos e panelas. «Depois eu lavo». Quase uma hora depois, estou com minha esposa no quarto do hospital. Ela conta que teve contrações a noite toda. Tem um soro. «Aquilo serve para induzir o processo», ela explica. A enfermeira mede a dilatação. Dois dedos. Precisa de mais. Querem fazer o parto normal. As contrações continuam. Minha mulher sente muita dor e eu tento fazer massagem em sua lombar. A enfermeira diz que aquilo pode ajudar. Dez da manhã. Dois dedos de dilatação. Tem bastante soro ainda. Contrações. Dores. Massagens. Meio-dia. A dilatação não prosseguiu. Minha mulher não aguenta mais. «Eu quero ir embora!». Ela grita, enquanto meus braços já começam a ceder. Mas não posso parar.

Duas da tarde. A enfermeira mede mais uma vez a dilatação. Não saiu de dois dedos. Minha esposa chora. Duas e meia. Entra outra mulher no quarto e então não tenho mais permissão para ficar. Atravesso o longo corredor. Depois, desço para o pátio. Ligo para minha mãe. Ligo para o celular do meu pai. Volto para o hall. Quatro da tarde. Vejo uma correria se iniciar. Da porta do longo



corredor, vejo sair a enfermeira com uma cadeira de rodas. Nela, a minha esposa toda ensanguentada e praticamente desmaiada. Elas se dirigiam ao elevador, enquanto um homem veio até mim. “Sobe lá e se prepara. Vai ser cesariana”.

Fui pelas escadas. Uma senhora me indicou um vestiário. Tinha que por máscara, roupa especial, luvas e revestimento para o calçado. Que dificuldade para por o revestimento! Dez minutos de tentativas. Depois, fui conduzido até a sala onde a equipe médica estava com a minha mulher. Assim que entro, recebo ordem de me sentar rapidamente. Quatro e vinte e nove da tarde. Seguro na mão da minha mulher. De seu ventre aberto, os cirurgiões retiram nosso filho. Está roxo, desfalecido e coberto por um material amarelo. Ele não respira. Minha mulher não o vê da posição em que está. “Meu filho”, ela diz em tom de sofrimento. Aperto com força a mão da minha esposa. Tento não pensar em nada. O bip dos aparelhos e a respiração daquelas pessoas através das máscaras dominam minha audição. O lugar tem uma luz que transita do amarelo para o laranja. Olho para o nosso filho, enquanto os médicos introduzem uma mangueira em sua via aérea para retirar o mecônio. De repente, a boquinha dele se mexe. E o peito. “Ele tá respirando, amor”, digo pra minha esposa. Ele chora. E de forma incontrolável, nós dois também. Pela primeira vez na vida choro de alegria. “Como ele vai



se chamar?”, pergunta o chefe da equipe. “Benjamin”, dissemos minha mulher e eu quase ao mesmo tempo.

Depois, enquanto ela se recuperava da cirurgia, tive permissão para ficar com nosso filho durante uma hora. Ele estava recebendo aquecimento. Falei com ele sobre tudo o que iríamos fazer. Ele chutava o tempo todo e fazia uns sons engraçados. Olhava na minha direção às vezes. “Será que ele tá me vendo?”, pensei. Depois disseram que eu precisava sair. Entro no carro. Surgem milhões de coisas na cabeça. Pensei, por exemplo, em como é bonita a palavra “nascer”. Em como já estava com saudade do meu filho e da minha esposa. Em como eu próprio parecia nascer. Assim, durante os três dias em que fui e voltei do hospital, enquanto refletia sobre essas coisas, deixei a louça acumular.



# Eu e minha insônia

Luciano Carvalho Chirico\*

Hora de deitar, começo do meu martírio diário. Já são mais de onze e meia da noite, para ser bem preciso onze e quarenta e dois. Coloco o alarme para despertar às seis da manhã. Pronto, tudo preparado para dormir. Só falta o sono aparecer. É aí que começa o meu ritual noturno.

Poderia ser tudo tranquilo e corriqueiro se eu não sofresse de insônia, mal que afeta uma grande parte da população mundial, mas só quem passa por isso sabe descrever o quanto é prejudicial para uma pessoa, principalmente quando, no dia seguinte, um trabalho árduo a espera.

\* Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estácio de Sá do Rio de Janeiro. Especialista em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Experiência como professor de Inglês em cursos de idiomas e professor de Português em escola de ensino fundamental.



Não nasci em berço de ouro, logo tenho que batalhar constantemente pelo meu sustento e da minha família. Por isso, tenho que estar sempre em boas condições físicas e mentais para não comprometer minhas atividades profissionais, o que é raro para quem tem insônia. Meus colegas ficam sempre me aborrecendo pela minha aparência constante de cansaço e sono quando chego no escritório. É porque conseguem dormir sossegados. Acham que a minha insônia é frescura. Falam para eu ver televisão na cama, antes de dormir, que o sono aparece logo. Alguns chegam até a me receitar chá de camomila, suco de maracujá e outras coisas que já nem lembro mais. Eu tomo remédio tarja preta e nem assim consigo apagar.

Então, deito e me cubro até a cabeça, colocando-me em posição para dormir. Do meu lado, minha esposa, estatelada, roncando muito. Ela sempre deita primeiro que eu. Logo, quando me recolho, ela já está entregue ao sono há muito tempo. Sorte dela que nunca teve dificuldades para dormir. Isso me irrita profundamente, ainda mais com a intensidade e a variação dos seus roncamentos. Se ela fosse um personagem dos quadrinhos, faltariam onomatopeias para reproduzir os sons bizarros que ela emite dormindo.

Começo a me debater na cama, a posição em que estou já me incomoda. Viro para o outro lado, tentando me acomodar novamente. Fecho os olhos, tento relaxar e abstrair meus





pensamentos. O quarto está totalmente escuro, recomendação do meu terapeuta. Vejo no relógio que já passa da meia-noite. Não consigo me conter e não olhar a hora.

Da rua, vêm os roncões dos motores e as buzinas dos carros que passam freneticamente. Meu apartamento é de frente para uma avenida bem movimentada que parece que nunca dorme, igual a mim. Meu pensamento voa para minha vida no campo, quando criança, em que dormíamos num silêncio absoluto, numa paz restauradora. Mesmo acordando cedo, com os pássaros cantando, a felicidade era extrema. Bons tempos que não voltam jamais, ainda mais morando numa cidade grande e caótica como a minha. Agora passa uma ambulância com sua sirene barulhenta. Por que isso numa hora dessas? Ou será a sirene de algum carro de polícia? Sinceramente não sei diferenciá-las. Mas o barulho me agita e me desperta ainda mais. Começo a sentir sede, me levanto e vou até a cozinha atrás de água. Uma e meia da manhã, aponta o relógio da cozinha.

Abro a geladeira e dou uma olhada em tudo que está dentro. Geladeira meio vazia, fim de mês. Ainda não fizemos as compras. Nada me agrada. Também só vim atrás de água. Confusão na minha mente. Deve ser pela hora avançada. Meus olhos estão pesados e começo a piscar com sono. Bebo logo a água e volto para a cama cheio de esperança: vou dormir.



Na cama, meus olhos se abrem ainda trêmulos. Olho o relógio novamente, apertando o botão da luz que ilumina o mostrador. No escuro, este movimento é singelo e delicado, quase não saio da posição em que me encontro. São três e quinze. Dormi um pouco, entretanto uma coceira insistente nas pernas deve ter me despertado. Malditos pernilongos! Todo dia é assim: se não fechamos todas as janelas, a casa fica infestada dessas pragas. Pragas silenciosas e covardes que nos atacam quando estamos dormindo. Um golpe baixo para um insone. Pronto, despertei. E agora? Daqui a menos de três horas tenho que estar de pé. Viro para o outro lado novamente; minha mulher está roncando. Viro-a de lado e ela para.

Começo a pensar no projeto que tenho que apresentar no final do mês para a diretoria da empresa. Uma ideia me ocorre. Hesito em continuar pensando, porém acho que consegui solucionar um grande problema para a apresentação. Tento levantar no intuito de alcançar o computador para escrever. Faltam-me forças, estou realmente cansado. Acho melhor deixar para o “dia seguinte”, ou seja, para daqui a algumas horas, ao chegar no trabalho. Não vou esquecer: preocupação iminente! Já são dez para as quatro da manhã, me informa meu amigo relógio. Será que tomo mais um comprimidinho? Tenho medo de tomar e não ouvir o alarme. Nova indecisão. Viro de lado outra vez



com o cobertor na cabeça. Faz frio. Com o controle, diminuo a velocidade do ventilador. Resolvo não tomar o remédio.

Começo a bater com um pé no outro sem parar. Minha mulher se assusta com o movimento na cama e pergunta se estou bem, quase murmurando. Respondo monossilábico e paro com os pés. Agora faz calor, devo ter me agitado demais. Mudo a velocidade do ventilador, colocando-a no máximo. O vento me dá agora uma sensação gostosa e, com isso, viro de lado novamente. Arrumo o travesseiro na cama e me descubro um pouco. Silêncio total. Calmaria externa. O relógio marca quatro e trinta e cinco.

Um tempo depois, abro os olhos assustado. Ainda é madrugada, tudo está escuro. Minha mulher ao meu lado serena e adormecida. Procuo meu relógio e suavemente aperto o botãozinho: cinco e quarenta. Faltam vinte minutos para o alarme soar. Que bosta! Meus olhos ainda pesados e embaçados. Procuo meus óculos na mesinha de cabeceira. Sou míope.

Resolvo levantar e me dirijo ao banheiro. No espelho, me vejo com uma aparência acabada e com olheiras fundas. Antevejo novas galhofas dos colegas. Galhofas?! De onde tirei esta palavra? Ninguém usa mais isso hoje em dia. É sacanagem mesmo! E lá vou eu de novo para mais um dia de labuta. Labuta?! Tenho que rever minhas referências urgentemente.



# A vida tem disso

Fabia Monica Souza dos Santos\*

Em pouquíssimas horas bolei projetos, escrevi livros, revisei minhas próprias histórias, fui aos mais diferentes lugares e conversei com tanta gente que até me perdi. Inventei alguns causos e adaptei outros roteirinhos que foram surgindo. Fui passo a passo alinhavando tudo o que encontrei em mim e me embolei na minha própria encenação, na estranha artimanha de ser ao mesmo tempo singular e ordinária. É esse exercício que faço todos os dias, que fazemos todos nessa estranha tarefa de tocar a vida.

\* Alguém em busca de si que vez ou outra gosta de escrever. Professora universitária de dia. À noite, especialista em ócio e devaneios. Quase sempre uma pessoa otimista, mas algumas vezes embrutecida pela luta diária.



No meu cotidiano, cada dia é um enigma de inspirações e aterrissagens, que me convidam a tentar equilibrar necessidades e desejos, abertura e casulo, gente e solidão, tendo como angústia o atrevimento de ser quem se é.

Pois é, a vida tem disso. Talvez eu quisesse ser artista, aí tento transformar tudo o que faço em espetáculo. À arte basta se apresentar para que possamos ser afetados de formas irremediáveis. Na minha cabeça, cada momento se transforma em um texto, uma cena, uma melodia ou uma história. Faz com que eu sorria, chore, queira apelidar a mim e aos meus, habitar outro tempo, tornar o meu próprio mais vivo. Ou talvez eu quisesse ficar só mais um pouco na cama com meu amor, acordar sem despertador, destruir a internet do mundo por algumas horas ao longo do dia, como um racionamento global, só pra gente poder se esfregar mais um cadinho. Eu e ela, inventando roteiros de viagem, revendo fotos, rindo de piadas imorais e revisitando nossas escolhas como um mero ato de cumplicidade.

Aí lembrei que também tenho que ir ao mercado, pagar as contas que estão vencendo hoje, agendar os médicos do check up anual, ir ao crossfit, levar a Eva pra tomar vacina, passar uma vassoura na casa, ir à rodoviária comprar a passagem pra segunda-feira que vem ir trabalhar, fazer as marmitas da semana e acabar de montar as aulas. Na ordem que der pra fazer...



De vez em quando preciso também ligar pra minha mãe pra saber como andam as coisas por lá, marcar podóloga que já estou mancando e interagir um pouco no grupo das primas pra não pagar de desgarrada.

Pois é, a vida tem disso. Mas hoje acordei madura, pensando sobre aquilo que supostamente se espera de mim. Resolvi de uma hora pra outra parar de devaneios, e pousar nesse estranho planeta que temos habitado. Abri bem os olhos e vi umas pessoas esquisitas pela TV. Um coreano bochechudo com um penteado tosco querendo guerra, um americano cor de cenoura falando asneiras e querendo cimentar um muro kilométrico, um ditador milionário liderando uma pobre nação com seus relógios cravejados de diamantes e um brasileiro esfaqueado com problemas de dicção fazendo mira. Fiquei com vergonha, mas fiquei mesmo foi com medo.

De todo modo, tenho visto tantas coisas esdrúxulas que tenho pensado hora sim hora também se não seria melhor voltar para os pensamentos intergalácticos que coabitam a minha mente, nos quais a única bandida terrorista sou eu mesma.

Me manquei que minha existência retrô, de quem há pouco entrou na casa dos quarenta, pode ser uma grande ameaça. Nesses momentos, desejo emudecer, estancar tudo aquilo que insiste em se apossar dos meus afetos e pensamentos. Aí como num golpe de plena robustez lembro que tenho mais



pela frente do que já passou. Nem cheguei no meio do meu percurso nesse mundo doido de habitar, e quanto mais eu vejo mais me desalento.

A luta me chama todos os dias quando coloco a mão no umbigo como um ato lúdico pra despertar um novo amanhecer. Aquela coçadinha básica me faz suspirar um ânimo que se esvai ao longo do dia, mas caminha na mesma intensidade do sol que invade minha varanda ao longo de todo o dia e me faz criar cada vez mais laços com esse lar, logo eu que sempre resisti a me fincar.

Por isso acabei de decidir fazer tudo novo. De novo. O mesmo agora diferente por ser um novo dia, continuar me reescrevendo pra aprender aquilo que já pensei saber, encontrando os mesmos diferentes caminhos pra me afirmar na diferença que faz essa vida tão enigmaticamente deliciosa e assustadora.

Nasci aqui. Não tenho dupla cidadania, embora confesse nos últimos tempos um recorrente frisson com esse sonho idílico de uma outra terra prometida, que nos faria donas daquela infinita felicidade aprimorada. Aquela, que está lá, em outro lugar, promessa imposta longe da gente, nas terras prósperas cultivadas em outros mares longínquos.

Pois é, a vida tem disso. Apertei outro botão, voltei pra cá, lembrei do sol da varanda, de você aí no sofá da sala, com essa manta azul, e Eva esfregando a melancia de pelúcia chamando a



gente pra brincar. Não quero ter que fugir, nem criar as histórias que nos convençam de que foi pra fazer uma nova trajetória, experiências de vida, novos lugares, outros amigos nem novas rotinas. Quero poder te amar aqui, na nossa casa, na nossa terra, na nossa labuta. Só isso já é muito.

Restam pelo menos cinquenta e oito anos. As meninas que estão chegando estão com sangue nos olhos. Entenderam bem cedo que o pé na porta se tornou o crachá da emancipação. Temos aprendido com elas. Somos outras, mas estamos juntas. Entendemos que a luta é nossa forma de existir. Algumas de nós ainda não se deram conta disso. Estamos aqui. Às vezes fazemos muito barulho, às vezes nossas estratégias são mais sutis. Às vezes o grito é só uma forma de chorar pra fora, de correr pro infinito e amar.

A vida tem disso. Resolvi que vou ser centenária, participar desses estudos científicos ultra avançados que tentam medir o que faz do mortal o resiliente. Eu sei a resposta. Beijo na boca ajuda. E muito. Dar um jeito de rir algumas boas gargalhadas todo dia também. No dia que não der, talvez compense se sentir útil. Seja um pouco egoísta, o suficiente para se manter de pé. Aceitar a própria mediocridade pode ser um ato de libertação. Se proteja dos coiós, a qualquer custo! Aprenda a dirigir, pois pode ser útil em algum momento. E definitivamente pare de usar antitranspirante no suvaco, pois não faz bem. Muito provavelmente ninguém chegará aos cem anos usando antitranspirante.





Tento lembrar todos os dias que apenas alguém capaz de amar é capaz de sobreviver. Em tempos de ódio, mais vale um arco-íris purpurinado de bênçãos que dois gatilhos de campanha. Dezesete capirotos me ameaçarão, e responderemos com infinitos afetos.

Vou lá e vou cá, pensando no quanto a lucidez e o devaneio são amantes insólitos da alma que habita em cada um de nós. E é porque quase mando em mim que resolvi que minha existência pode ser palco desse ultrajante romance. Pois é, a vida tem mesmo disso.



# O anjo foto

Jamil Alves\*

Tive uma infância feliz, de plena relação com os animais. Eu não sabia nem juntar B com A ainda, mas já lidava com bichinhos de diversos tipos, naqueles alegres anos 80 em que não havia Pet Shops em São Paulo. O mais próximo disso eram as chamadas “Casas de Aves”, espécies de “bisavós” dos Pet Shops de hoje, que serviam para vender galinhas e muitos outros tipos de aves, e também peixinhos ornamentais baratinhos, baratinhos.

Além de sentir falta dos peixinhos ornamentais, galinhas, porquinhos-da-Índia, patos, tatus-bolinhas, minhocas e dos diversos gatinhos quizilentos da vizinhança, que eu alimentava de vez em quando sem que nunca tivessem sido meus, tenho

\* Jamil Alves é jornalista, linguista, escritor e professor universitário. É mestre em Linguística Aplicada pela PUC/SP e já tem dois livros publicados: O Saber que Transforma (2014) e Os Pronomes Pessoais em Espanhol e em Português (2015).



saudade dos inúmeros cachorros que tive. Fui criado numa casa com quintal grande, com jardim e terra como os cãesinhos gostam.

Minha estratégia para convencer meus pais a me deixarem ficar com os cachorros que eu recolhia das ruas tinha um *modus operandi* repetitivo: ao ouvir o primeiro “suma com esse bicho daqui”, eu implorava para que me deixassem cuidar do cãozinho por alguns poucos dias, até que estivesse bem, mais animado e mais forte para enfrentar a dureza da vida nas ruas. Isso quase sempre dava certo, os dias iam passando, passando... e os cachorros, ficando! Foram tantos cães que nem consigo me lembrar de todos, mas alguns ficaram marcados na memória: Tatuzinho, Rex, Mocinha, Fofo.

Tatuzinho foi um presente de um colega de trabalho para o meu pai. Era acinzentado, carinhoso, de pelo felpudo. Por volta dos três anos de idade, morreu de parvovirose. Eu não fazia nem ideia do que esse palavrão queria dizer, mas o trauma da perda precoce ficou até hoje, pois Tatuzinho me trouxe o primeiro contato com a morte, a finitude, o fenecer.

Rex foi outro cachorro que meu pai ganhou de presente. Era todo preto, grande, brilhoso, lindo. Disseram que era da raça pastor belga, porém acho que ele nunca soube onde ficava Bruxelas. Tinha mais pinta de SRD – sem raça definida. Mesmo assim, era lindo, lindo. Meu grande amigo. Sua suposta



ascendência, provavelmente fajuta, rendeu-lhe o apelido de “Belga Velho”. E era isso que meu amigo Rex era de fato: meu velho amigo belga, meu Belga Velho!

E a Mocinha, então, o que dizer dela? Vira-*latinha* de tudo, de ascendência e descendência. Era *beginha*, *focinho* com *pelinhos* brancos e os *lábios* delineados de preto, uma graça. Seu *queixinho prognata* (conhecido popularmente como *boquinha de gaveta*) e seus *dentinhos tortos* lhe davam certo ar de permanente sorriso, um charme único, só seu. Se eu não estiver enganando, chegou à nossa casa pouco depois do Rex e foi sua contemporânea.

E também tive o Fofó, um *cachorrinho marrom*. Outros como ele parecem fazer parte de um tipo de *animalzinho* que saiu de moda, o *cachorro pequinês*. Nos anos 80, eram a paixão das *vovós*, mas creio que foram substituídos por *bichons frisés*, *poodles* e *pugs*. *Olhinhos esbugalhados*, *focinho achatado*, pelos longos e *latido ardido* eram a marca registrada daquelas *fofuras*.

Antes de ser da minha família, Fofó fora de Dona Bia, uma vizinha muito simpática, já perto dos sessenta anos de idade. Vivia numa casa simples no início da rua, ela e mais doze *cãezinhos* *pequineses*. Por dificuldades financeiras, agravadas pelos gastos com suas *mascotes*, viu-se forçada a mudar-se da vizinhança para uma casa ainda mais modesta. Foi então que ela teve de desfazer-se de metade dos seus *companheirinhos*.



Um deles, Fofó, ficou com a minha mãe, que só aceitou o cãozinho porque percebeu a aflição de Dona Bia e tinha estabelecido com ela algum grau amizade. Foi triste o dia em que Dona Bia veio trazer o Fofó para nós. Ela chorava copiosamente, foi uma cena muito, muito triste. Ela o deixou conosco como quem deixa para trás um filho.

Nos primeiros dias em minha casa, Fofó sofreu muito, chorava sem parar, uivava a noite toda, parecia chamar, em cachorrês fluente, sua antiga dona, que ainda permaneceu na vizinhança por mais algumas semanas até mudar-se definitivamente. Depois desse período, Fofó afeiçãoou-se à minha mãe e passou a estabelecer certa rivalidade comigo.

No entanto, posso afirmar sem dúvida que devo minha vida a esse cãozinho. Eu costumava brincar numa rua de terra, que era uma espécie de continuação da minha – que era asfaltada e passagem de linhas de ônibus; por isso que, na minha rua propriamente dita, não dava para brincar, e até hoje é assim. Mas nessa continuação, que tinha pedregulhos em vez de asfalto, a maioria das brincadeiras era possível.

Naquele dia banal, mais um em que eu brincava naquela ruazinha, vi Fofó aproximar-se, ele parecia estranho. Não costumava seguir-me, porém deu um jeito de passar por um buraco na cerca de casa para ir atrás de mim. Ficou rodeando-me, parecia querer dizer-me alguma coisa.



Como a hora do almoço já se aproximava e eu estava ficando com fome, decidi voltar para casa. Um percurso curto, uns 50 metros, se muito. No entanto, bem no meio desse trajeto, havia uma rua a ser cruzada. Uma rua de bairro, uma via pequena, quase sem movimento, Juvelina Ferreira de Assis. Eu passara por aquele cruzamento tantas vezes que era como se eu andasse da sala para a cozinha de casa.

Eu já estava prestes a pôr o pé no cruzamento quando Fofó, inexplicavelmente, colocou-se na minha frente em desatinada corrida, passou por mim e quase me derrubou, não tive como não interromper o passo. Foi quando senti algo grande e muito rápido passando pelo meu nariz e pelas pontas dos meus dedos do pé, fiquei com uma sensação de calor, principalmente no rosto. Praticamente no mesmo instante, ouvi um som agonizante, um gemido de profunda dor, que me gelou a alma. Uma Kombi branca, em velocidade altíssima, havia passado com as duas rodas esquerdas por cima de Fofó. Eu me desesperei e pensei que fosse o seu fim.

Um rapaz muito mal-encarado desceu do veículo, olhou displicentemente para tudo o que tinha ocorrido, fez uma cara de profundo desprezo quando viu que tinha atropelado um “mero” cachorro, subiu na Kombi e foi-se embora.

Fofó ficou muito mal, posso ver a carinha dele na minha memória até hoje, com a boquinha ensanguentada e os



olhinhos de profunda dor e resignação. Meu colega Romero, um menino da mesma idade que a minha e de família gaúcha, tinha presenciado tudo e chamou sem demora minha mãe, que veio em nosso auxílio.

Como nem sonhávamos em ter dinheiro para pagar veterinário, ela providenciou faixas, talas e ataduras. Fizemos curativos em Fofo, mas não acreditávamos que ele sobreviveria. Porém estávamos enganados. Passados alguns meses, ele se recuperou completamente e até voltou a andar.

Não consigo imaginar por que motivo nem como, mas o fato é que Fofo sabia que aquela Kombi era para mim e me salvou a vida. Fofo foi, sem dúvida, mesmo com toda a sua rabugice, um anjo de quatro patas.



# Nutella

Thiago Herminio Bordotti Zanetin\*

“Não tem nada para comer.” Quantas vezes, num reflexo, você já se pegou dizendo essa frase? Talvez você estivesse abrindo a geladeira. Talvez fuçando nos armários. “Não tem nada para comer” — você falou, com a voz embargada de fastio. E, no entanto, na sua geladeira tinha arroz, feijão e até uns legumes. Nas prateleiras, um saco meio cheio, meio vazio de pão, e até um pacotinho de bolacha, já começado. Fome, você não passa por nada. Sorte sua. Porque há quem, de fato, não tenha nada. Nada de nada. E que vê no nosso nada, no trivial, mais do que tudo.

Tenho pensado nisso todos os dias desde uma sexta-feira, há umas duas ou três semanas. Era fim de tarde, e eu saía de

\* Thiago Herminio Bordotti Zanetin é, há 33 anos, paulistano da gema, daqueles que travam uma relação de amor e ódio com São Paulo. Publicitário e redator, escreve para tornar publicas as histórias que compõem o desvario da Pauliceia.





uma empresa onde estou fazendo um freelance, bem pelo meio da Alameda Campinas — uma das várias travessas da Avenida Paulista, à altura de metrô Trianon. É um lugar rico, tanto em classe como na gastronomia. Subindo ou descendo a Alameda, encontra-se de tudo: restaurantes, bares, botecos, padarias, lancheterias — tudo; basta escolher. E, surpreendentemente, nem tudo é tão caro. Mas, eu dizia que estava saindo da empresa no fim daquela sexta-feira quando, de súbito, uma senhora, de mão dada com uma criança, uma menina dos seus, o quê?, dez, onze anos, se tanto, essa senhora me aborda:

— Moço, espera moço, por favor, olha, não vai embora.

Não falei. Deixei ela falar.

— Olha, moço, eu não sou de rua não, viu? Eu não sou de rua, mas é que eu tô vindo com ela do hospital, e a gente mora longe, viu moço.

— Você precisa de dinheiro para a passagem? — perguntei, naquele afã de “vamos resolver rápido, que eu quero ir para casa”.

— Não, moço, olha, o dinheiro eu tenho. É que, sabe o que é, ai, meu Deus, é que, moço eu só tenho esse dinheiro para voltar e a gente ainda não comeu nada hoje, sabe?, e lá em casa eu também não vou ter nada.

(“Não vou ter nada.”)



— Sei — emendei, só por dizer, de canto de boca.

— Não é vergonha uma mãe de família pedir comida, né?, moço, olha, eu não sou de rua não, viu?, olha, eu tenho documento, pode ver — ela mexia na bolsa com desespero, mal achando o que quer que fosse —, e, ó, tem também uma cartinha do médico — seguia mexendo na bolsa e não achando nada —, porque eu trabalho, viu, moço?, eu trabalho, mas eu precisei perder o dia por causa da minha filha.

Num reflexo, ela parou de mexer na bolsa. Desconsolada. Muito humilhada.

— Ai, moço — suplicante — eu sou mãe de família. Não é pecado, né? Não é pecado.

— Não é — dei remédio à cena. — Venham, por favor.

Fui abençoado por ela, já mais sorridente — mas visivelmente constrangida — setenta vezes sete vezes nos poucos passos que demos até um toldo que vende salgados e faz tapiocas. A menina não disse uma palavra.

— Qual o nome da senhora?

— É Mara.

— E da menina? — eu perguntei olhando para ela, que olhava para baixo.

— É Vitória — respondeu a mãe.



— Tá bom. Escolham o que vocês quiserem.

— Ai, moço, não. Qualquer coisa, bem baratinha, já tá bom demais.

— Por favor, vocês são minhas convidadas.

— Ai, nossa — desconsertada, dona Mara ria de nervosa; mas, felizmente, tomou coragem —, bom, será que pode ser uma tapiquinha?

— Pode. Gosta de carne seca?

— Adoro — e riu, dessa vez riu gostoso.

— Então, tá. Uma tapioca de carne seca. E você, meu amor? — perguntei, olhando para a menina — Come o quê? Uma tapioca, também?

Ela olhou para a mãe antes de fazer que sim com a cabeça.

— De quê? Pode escolher.

Ficou olhando o cardápio por um tempo. Olhava o cardápio, olhava para mim — e olhava o cardápio. Tinha as palavras presas na boca. Até que, como a mãe, tomou coragem. Uma coragem de fala baixinha:

— Pode ser de morango com Nutella?

— Pode, meu bem, claro — respondi, com ar de naturalidade.



Durou um segundo ou menos: Vitória me olhou e deixou escapar um daqueles sorrisos largos, de contentamento, que são acompanhados de um suspiro, de uma arfada ou coisa que o valha, como se dissesse “eu não acredito que isso vai acontecer comigo, será que eu mereço? Nutella, eu vou comer Nutella”.

Era um quadro de fome rodriguiana. Daqueles que fazem mal ao interlocutor. Fiquei penalizado.

— E beber? — já perguntei, acho, espero, mais prestimoso  
— Vocês não bebem nada?

Pediram, com muito custo, chocolate quente. E, enquanto as xícaras chegavam à mesa e eu acertava a conta (nem trinta reais, percebe?, nem trinta reais), ainda deu tempo de ouvir dona Mara dizer, contida, mas com certa alegria, à filha:

— Deu no que você queria, hein, Vitória? Mas, ó, tem que comer devagar que é para durar.

Esqueça a fome rodriguiana. Essa fome de Vitória e dona Mara é histórica. Talvez tivesse remédio no fim de tarde daquela sexta-feira — mas, e depois? Com a cabeça cheia disso, arrumei uma desculpa qualquer e deixei as duas comendo. Saí, sob renovadas bênçãos de dona Mara, e fui andando até o metrô Paulista, no fim (ou no começo?, nunca sei) do coração da Pauliceia. Na Avenida das Avenidas, entre quem vai e vem,



pedintes e artistas improvisados contrastavam com pessoas que aproveitavam a vida em restaurantes, hamburguerias e *fast foods* caros. A cena é a mesma todo o dia, de modo que dona Mara e o sorriso de Nutella de Vitória me vêm à cabeça sempre. Hoje, porém, essa lembrança me visitou em casa. Nem bem entrei, e minha mãe, quase com embaraço (veja lá se é possível), foi dizendo:

— Vai jantar, filho? Hoje eu não fiz nada, assim. Tem uma sopinha e torrada. Ah, também tem um pedacinho de peixe na geladeira, e tem torta de ontem. E, ó, tem pão, viu? Vê, aí. Não tem nada hoje, assim.

(“Não tem nada hoje, assim.”) (“Não vou ter nada.”)

Nosso nada é tanta coisa.

Comi como um rei. Querendo, desejando, que dona Mara e Vitória, assim como eu, também tenham tido esse nada para comer. (E, por que não?, um pouquinho de nada de Nutella, que é para todo mundo ser feliz.)



# Sabe da última? Não te contei não?

Marcelo Cardoso da Costa\*

Você que está lendo este texto, saudações.

Quer saber da última, vou te contar o babado. Hoje quero falar sobre algo corriqueiro e tão comum entre nós. Algo que desperta curiosidade, atração, raiva, vingança e interesses diversos. Trata-se da FO-FO-CA.

Este tema me despertou outro dia, aliás, não só a mim, mais a boa parte das pessoas ao meu redor. Aqui transcrevo o caso para vocês possam se inteirar do que se passou.

Em um trem cheio, no fim de uma tarde ensolarada no Rio de Janeiro, trabalhadores, estudantes e pessoas humildes e cansados do dia seguiam desejosos de chegar em casa o mais

\* O autor é Sociólogo, Geógrafo, Mestre em Planejamento Urbano e professor da Rede Federal de Ensino (IFRJ - Campus Duque de Caxias) e um fofoqueiro social nas horas vagas.



rápido possível. Foi neste cenário que pude ouvir um passageiro contando uma história que atraiu a curiosidade e o riso das pessoas. Ele começou dizendo:

- Todo brasileiro adora uma fofoca. Vou contar uma história sobre isso.

E começou a contar. Segundo ele, duas senhoras estavam conversando na calçada uma delas estava ansiosa para saber o que a outra tinha a lhe contar, principalmente porque ouviu a outra dizendo: “você não sabe da maior...”. Essa frase, dizia o narrador da história, desperta quem adoram uma fofoca. Pois bem, continuou ele, quando a senhora estava preste a dizer a fofoca, eis que surgiu um assaltante em uma moto com a arma em punho. Ele se aproximou e anunciou o assalto. Todos que estavam em volta correram. A senhora que estava preste a contar a fofoca ficou apavorada. Já a fofoqueira, sentindo que perderia a fofoca, ficou irritada e partiu para cima do assaltante com a vassoura na mão. Aplicou nele vários golpes e disse que ele estava atrapalhando a conversa e, aos berros, exigiu que ele fosse embora. Assustado e já sentindo os golpes da vassoura, ele se foi. Depois disso, agindo naturalmente, ela virou-se para a outra senhora e pediu para continuar a falar, afinal, não se pode deixar uma fofoca pelo meio. Todos que estavam no trem já estavam rindo da história.



- Viu só, a senhora bateu no assaltando e o colocou para correr só para saber da fofoca. Pode isso? Disse o narrador da história.

Essa história e a reação das pessoas dentro do trem me fizeram refletir: Seria a fofoca uma instituição social?

A fofoca, em seu significado, consiste no ato de fazer afirmações caluniosas ou não, sobre a vida alheia, sem necessariamente ter provas do que fala ou do consentimento de outras pessoas. O tipo social que faz a fofoca pode receber adjetivos diversos, tais como: bisbilhoteira, mexeriqueira, intrigante, leva-e-traz, boateira, devassa, linguaruda, faladeira, indiscreta, leviana e o mais famoso de todos, fofoqueira.

No imaginário popular a fofoca está associada ao universo feminino, principalmente a figura da vizinha faladeira e da sogra. No entanto, estatísticas afirmam que são os homens os mais fofoqueiros\*. Segundo estes estudos, boa parte dos homens utiliza a fofoca por pura auto-afirmação. Seus assuntos preferidos na fofoca seriam: mulheres, lembrar histórias, espalhar boatos, salário, transas e bebedeira dos amigos. Já os assuntos preferidos das mulheres para fofocar são: criticar outras mulheres, comentar sobre o peso das colegas, falar da vida sexual de conhecidos, falar sobre o relacionamento das outras, celebridades e falar sobre seus problemas de relacionamentos.

\* Segundo fontes da "social Issues Research Centre", que é um centro de pesquisas da cidade de Londres na Inglaterra.





Amigos, não existe quem nunca tenha feito fofoca sobre a vida alheia. A fofoca é um hábito e também uma necessidade, podendo fazer o contador ser aceito num meio social e até consolidar amizades ou não.

O principal preconceito contra o fofoqueiro é o chamar assim e falar da sua língua grande, língua de trapo, ou língua maior que a boca. Há quem jure que se o fofoqueiro perder a língua ele é capaz de aprender libras só para continuar a fofocar.

Mas olha, nada de chamar alguém de fofoqueiro, pois as pessoas que fazem uso da fofoca geralmente não gostam de ser tachado dessa forma.

O certo é que a fofoca está presente na vida de todos. Tem gente que entra nas redes sociais das pessoas, lêem determinadas revistas e assistem programas de televisão específicos só para saber das últimas fofocas e espalhar notícias falsas. Outro dia um amigo disse que uma vizinha, do prédio aonde mora, fica o dia todo olhando as câmeras internas só para saber quem está chegando e saindo e com quem. Depois, é claro, sai falando tudo para todos.

Outro dia até a Vossa Santidade, o Papa Francisco contou uma piada sobre uma fofoqueira da sua paróquia. Ele fez um discurso condenando a fofoca entre os católicos e disse:

- A fofoqueira faz a mesma coisa que um terrorista faz, aproxima-se, fala com uma pessoa joga a bomba da fofoca, destrói e vai embora. Será?



A fofoca dá tanto ibope que até virou nome de escola de samba no Rio de Janeiro: A.R.E.S. Vizinha Faladeira\*. Além disso, existem várias músicas com o tema da fofoca, desde Genival Lacerda “Vizinha fofoqueira”, passando por Roberto Carlos “Mexerico da Candinha” e chegando a Alexandre Pires “fofoca”.

A blogueira Nina CLB\*\*, falando sobre a chamada “gente fofoqueira”, chamou a atenção por classificar os tipos sociais de fofoqueira – ela certamente daria inveja a Max Weber e a sua tipologia social de pesquisa. Para ela os tipos seriam os seguintes:

- Fofoqueira Posto Ipiranga: sabe de tudo, a todo tempo e de todo mundo;
- Fofoqueira que diz que não foi ela: nega até o fim e diz não suportar fofoca;
- Fofoqueira vidente: ela diz coisa que nem você sabe que existiu;
- Fofoqueira Santinha do Pau Oco: Para ela todo mundo é corno, puta, safada, mas ela não, pois é uma santa, em defesa da família da honra e dos bons costumes. Eu diria que ela tentaria fazer o tipo da Bela, Recatada e do Lar;

\* A Associação Recreativa Escola de Samba Vizinha Faladeira surgiu na década de 1930 e teve esse nome em ironia a duas moradoras da localidade, conhecidas e afamadas faladeiras das vidas alheias da localidade.

\*\* Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=X2aU0TcN1Zo>. Acessado em 28/09/2018 às 14 h.



Fofoqueira Detetive: se aproxima de você para obter informações para sair por ai falando tudo, mesmo até aquilo que você não disse;

- Fofoqueira Despertador: acorda de manhã cedo e vai varrer a calçada, mas seu intuito mesmo é procurar saber quem entra e quem sai e com quem.

Ah, antes que alguém possa me chamar de fofoqueiro vou logo avisando:

- Fofoqueiro não meu amigo! Aproveitando o que diz Nina CLB, “Eu sou produtor de biografias orais não autorizadas!”.

Eu hein! Como dizia um companheiro de trabalho:

- Povo adora uma novela.



# O latido silenciado

Rafael Iglesias\*

A escadaria estava vazia quando cheguei em casa, na noite de 16 de maio de 2014. Eu já sabia, mas ainda não acreditava – como ainda não creio – que isso pudesse realmente ter acontecido. Todos os dias, no mesmo horário, quando a porta se abria, ela era a primeira (e única) a correr para me receber.

Porém, naquele dia, tudo foi silêncio.

De manhã, quando ela ainda tremia um pouquinho, eu segurei sua cabecinha com as minhas duas mãos, virei seu rosto para o meu e, olhando em seus olhos, perguntei: o que você quer que eu faça? Eu esperava por uma resposta que sabia que não viria do modo convencional, mas que viria, em algum momento.

\* Rafael Iglesias, paulistano de 25 anos, é jornalista e especialista em letras. Desde 2011, edita o Reticência Jornalistica, blog de reportagens e literatura. Escreveu um livro-reportagem experimental sobre pessoas com câncer, "Memórias de uma batalha" (2014), a partir de experiência familiar.



Seu olhar já estava perdido no espaço, esbranquiçado, e num momento, quando fiz a pergunta, me pareceu que eles deixavam escorrer algumas lágrimas, enquanto eu já me afogava em choro desde que me deixei cair como ficha dos telefones públicos antigos.

Era o momento.

Contudo, eu nunca teria coragem de fazer aquilo.

Ainda que perdido, esse olhar ainda era tão doce quanto em 1997, quando apareceu em minha vida pela primeira vez. Sua idade já era de quatro anos, mais ou menos, ninguém sabia estimar exatamente. Pequena, com pelos brancos e a cabeça marrom, dividida por um rastro de pelos também brancos. Tinha patas rápidas, ágeis como as de um tigre, e boca tão forte quanto a de um leão.

Eu já havia falado com quatro veterinárias.

A Tica já não estava bem há algum tempo, algo como dezesseis meses, desde que meu pai, Roberto, morreu de câncer em 16 de dezembro de 2012. Ela estava com depressão. Seus dentes estavam caindo. Apenas sobravam dois, os caninos de baixo. Havia tão poucos dentes que a língua já nem ficava presa dentro da boca.

E essa boca tinha histórias para contar. Ou para latir.

Como na vez em que, correndo pela rua, sozinha, voltou à janela de casa com uma dentadura. Se algum dos meus vizinhos



perdeu os dentes e não sabia onde tinha guardado, eis a hora de confessar que vi algo relacionado, quando era criança.

Crescemos juntos, afinal, ela com a mesma idade que eu.

A escola que fica na rua ao lado estava em reforma e lá apareceu ela, uma Fox Paulistinha misturada com *alguma coisa*, resultando na mais linda vira-latas de toda a história da *humanidade canina*. Ela até viveu mais uns dois anos na rua, até que resolveu entrar pela janela da minha casa, para dormir no sofá.

Todos os dias.

Ela havia ficado prenha de quatro filhotes, um diferente do outro. Então, cavou um buraco de um metro na encosta do jardim e lá se meteu para dar à luz os bichinhos – um marrom, um preto e branco, um cinza e um todo preto. Os dois últimos nasceram mortos, os outros morreram depois de anos de vida, porém antes da mãe.

Já o marido, abandonou a esposa.

Foi com os filhotes fora da barriga que ela descobriu que passava pelas grades de casa e resolver se sentar no dito sofá, de onde nunca mais saiu. Depois de alguns dias, ela já dormia na cama, comigo ou com meus pais. Claro, fazendo questão de se deitar embaixo do cobertor, com a cabeça no travesseiro.

Às vezes, quando tocava o despertador, ela também fazia questão de nos lambe, para que acordássemos e a levássemos para passear.



Ela nunca fez xixi dentro de casa, até a idade chegar e, com essa idade, a falta de controle sobre o corpo, que já caía a cada tentativa de andar. Os olhos se revelavam profundamente vazios, às vezes, quando parecia pedir ajuda para um sofrimento silencioso. Era a hora de levá-la à quinta médica.

Tica (Tiquinha para os íntimos) já tinha ido para a quarta fadada ao sacrifício. A veterinária disse que a mataria, pois não havia mais chances de seus problemas serem tratados. A idade já estava tão avançada quanto o mais velho dos seres humanos vivos. Desolado, passei a primeira noite da minha vida sem ela.

No outro dia, quando cheguei em casa do trabalho, era ela quem me esperava à porta. Ressuscitou. Ou não bem isso. Os exames, afinal, não apontaram nenhum problema de saúde e a médica desistiu da eutanásia – graças a Deus. Estava tão bem que até quiseram adotá-la no hospital. Nunca seria capaz de permitir.

Ela estava de volta.

Naquele dia 16 de maio, porém, ela precisou ir para o pronto-socorro novamente. Eu já sabia que seria a última vez. Assim como os animais, os seres humanos também conseguem pressentir a iminência da morte (e não é preciso ser doutor para isso). Ela estava começando a ir, imaginava eu, para o lugar em que a fariam dormir em silêncio. Para que acordasse feliz, *num mundo cheio de preás*.

Peço ao leitor que não me julgue.



Com toda a certeza do mundo digo que essa não é uma decisão fácil de se tomar: permitir que tirem a vida de seu animal de estimação, companheiro de décadas. Ainda mais imaginá-lo receber uma injeção letal que o fará dar um respiro profundo antes de liberar sua alma para o paraíso. É doloroso demais. Mas seria ainda mais doloroso para ela continuar assim. O ciclo estava se encerrando ali.

Não houve opção para a despedida.

Nem chance para a tal injeção, aliás.

Porque, no começo da tarde, uma pequena convulsão fez-lhe diminuir o ritmo. O coração (*tumtumentum*) já não conseguia (*tumtumentum*) funcionar (*tumtum*) com tanta (*tum*) força. Parou. A vida se esvaiu. A Tica se foi no dia 16 de maio de 2014, exatamente um ano e cinco meses depois de meu (nosso) pai.

Ela foi encontrá-lo.





# A impossibilidade do abraço

Rafael Sanzio\*

Pode ter começado pela menina dos olhos. Olhei lá dentro e enxerguei a mim mesmo. Ou pode ter sido pela parte externa, mais aparente e imediata: os olhos de gatinha tristonha, com algo de desenho japonês, cor de mel, brilhantes e expressivos, que tanto transparecem, que tanto a expõem, que tanto a entregam — porque ela é assim mesmo, quase que um livro aberto. Eu não apenas soube que ela trazia algo *quebrado* dentro de si; algo que crescera torto como uma planta carente de cuidados, para o qual não havia possibilidade de reparo. Eu soube exatamente o que ela *sentia*. Naquela situação fugaz de rede social, volátil e descartável, eu soube que ela era minha amiga. E não era minha

\* Rafael Sanzio nasceu em 1984 na cidade de Gravataí, Rio Grande do Sul. Quando não está escrevendo ou desenhando, compõe os arranjos de base para o seu trabalho musical utilizando o software EZKeys da ToonTrack, por preguiça de gravar o violão. É tio da Clarinha e do Tomaz.



amiga porque compartilhávamos gostos e preferências. Éramos amigos porque... éramos amigos. Distantes fisicamente, não nos enxergávamos, não nos víamos, mas sabíamos exatamente o que o outro estava vivendo, porque ambos compartilhávamos aquele algo quebrado, aquela sensibilidade pisoteada, e isso era a própria existência de cada um.

Alguns anos depois, quis a vida que houvesse um encontro pessoal. E eis que aquele abraço, tão longamente sonhado e ensaiado, não encontrou seu espaço, sua abertura, sua *cavidade*, no corpo dela. Tocá-la é brincar perigosamente com fogo. Seu abraço tem algo de esquivo, de seco: uns braços que não abraçam, duas mãos que encostam sem tocar, estranhamente conectados a uma das pessoas mais belas e sensíveis que já conheci. Descemos juntos a rua da escadinha, é fim de noite de carnaval – talvez um sábado controverso, uma fantasia equivocada. Sabendo que o álcool solta as rédeas da língua e desperta a fome de abraços, digo-lhe, no sobressalto de uma importante ressalva, que não é preciso nenhum esforço para gostar dela; que gosto tanto dela assim, e não *apesar de*; que não há uma outra versão dela para ser querida, ou “eus” alternativos, ou verdadeiros, e essas bobagens de senso comum. Mais próximo, fisicamente, do que ela normalmente permitiria, percebo o quanto minhas palavras reverberam nela; que aquela moça aparentemente durona e de poucos sorrisos me olha com uma expressão, assim, de



cachorrinha abandonada, de uma tristeza infinita, insondável. Mesmo uma cidadela tem seu lado indefeso. Eis o dela: como ela é permeável! Compreendo o poder que tenho em mãos: seria tão fácil machucá-la, feri-la de forma profunda. Descoberto esse campo, guardo-o como lembrete de onde jamais devo pisar, do que devo cuidar e cultivar. Ela, então, me diz que não devo me aproximar tanto; que não devo abraçá-la, que é melhor não tocá-la. Um texto da escritora barcelonesa Laura Ferrero me vem à mente, junto com a imagem de um círculo, uma superfície perfeitamente redonda. Talvez, minha amiga seja exatamente isso: uma esfera completa, fechada, que traz, por dentro, suas idiosincrasias, suas imperfeições, suas peças quebradas; e, por fora, uma superfície lisa e perfeita que não permite o encaixe, nem mesmo o toque. Eu mesmo posso ser a outra superfície, cheia de vãos e de cavidades, e meus espaços abertos não encontram, nela, o seu lugar de encaixe – o que me *falta* não está nela. Apesar de todas as ausências que cada um traz em si, não logramos de uma comunhão. Não nos abraçamos. Mas, como já disse Caetano, “onde queres eunuco, garanhão”.

Estou, já, há alguns dias na cidade mágica. Pátria dos Inconfidentes, correspondência grata de firmes amigos e, em arquitetura e beleza, única, onde todas as pontes dão no coração. Ela, agora, está diante de mim. Todo o conjunto da minha amiga foi desenhado pela natureza com a mais sublime imperfeição:



os olhos, já descritos acima, que todos acham bonitos; a pele branquinha; as gordurinhas mais agradáveis; as coxas mais lindas do mundo, deliciosamente torneadas, cheias, roliças, muito bem malhadas, e que todos admitem que, nem mesmo na Igreja do Pilar, há coisa mais bonita de se ver; tampouco visão mais inebriante; as costas fortes e os braços carnudos, sem diminuir em nada sua elegância; e um busto pequeno, talvez duas pequenas maçãs que caibam na palma da mão, detalhe sobre o qual posso apenas conjecturar. À distância, a imaginação se inflama bem mais pelo que supomos do que pelo que vemos. Montei, durante esses dias, um quebra-cabeças com a sua imagem, observando as diferenças entre a pessoa de carne e osso, que estou conhecendo, e a amiga virtual, como se fosse possível duplicá-la. Lembro de quando ouvi sua primeira risada. Conheço seu olhar quando ela não gosta de algo. O temperamento de ferro e a honestidade de caráter me conquistaram desde o primeiríssimo minuto. Do rosto à expressão corporal, tudo nela é transparência em vez de arte, humanidade em vez de egoísmo, franqueza em vez de jargão. Mesmo em suas pequenas dissimulações, mesmo quando faz aqui e ali pequenas malvadezas, ela se torna uma caricatura de si mesma muito bonitinha de se olhar e de se admirar. Já sei como ela espirra. Em falsete, com delicadeza, o que me traz de volta uma pergunta que tem a idade da nossa amizade – *como será que ela ama?* É um começo de tarde, tomamos café na



cozinha e conversamos. Ela fala com vivacidade, emenda um assunto no outro, com tom professoral de historiadora, jamais excessivo, sempre envolvente e encantador. Nossas diferenças, seus defeitos, vão sendo sublimados no som de sua voz. Não sei se deixei que a conversa fosse se tornando um monólogo aos poucos, mas, quando dou por mim, estou em silêncio, observando sua boca pequena se movimentar. O seu sotaque mineiro nos meus ouvidos do sul. Uma seleção dos Noturnos de Frédéric Chopin, executados por Vadim Chaimovich. Entre o sul e o norte, Minas fica no meio do caminho. Todo mundo gosta de mineiros, todo mundo deveria conhecer uma mineira. Os dias sem ela são chatos. Eu a ouviria falar noite e dia. A fina inteligência, a cultura acadêmica, o bom gosto, a elegante propriedade sobre os assuntos que aborda, contornados por um certo orgulho pessoal indomável. Ela seria capaz de falar sobre qualquer coisa. Claro, há sempre uma e outra discordância, talvez um disparate aqui e ali sobre a necessidade de proteína animal, ou a defesa de um novo partido que anuncia um liberalismo antigo. Penso em contra-argumentar, mas teria que esperar os intervalos entre os noturnos ou interrompê-la. Não a interrompo. Não por boas maneiras, mas por puro egoísmo. Não é para que ela continue falando que não a interrompo, é para que eu não pare de ouvi-la. A essa altura, o pianista lituano inicia o Opus 9, Número 2, em E Maior. Submerjo lentamente na música, ou na voz dela, mais e mais fundo, talvez



com o rosto já repousado sobre a mão. Continuo olhando para a boca, tão bem desenhadinha, e penso em olhar firme, penso em deixar claro para *onde* estou olhando quando minha amiga ergue os olhos para mim. Acompanho o movimento. Não, não agora. Melhor seguir desfrutando desse estar junto. Tenho consciência das distâncias. Ah, bruta flor do querer! Ouvi-la por um dia inteiro, uma noite inteira, um amanhecer com neblina entre as montanhas, e, então, mais um dia, e mais um anoitecer, e mais uma noite, quem sabe, até mesmo, próprios para uma camisola de seda cor-de-rosa. Uma rosa triste. Noite e dia, noite e dia, tão longe de casa, tão perto e tão longe, tão em paz, tão bom. Ouço hesitar um pedaço da coxa branca, que ela expõe mais e mais, sem se dar conta, vestida que está no rigor da moda veranil. Ela ergue o olhar outra vez, ergo também; ela baixa os olhos, eu acompanho; ela torna a me olhar, eu a encaro. Lenta e discretamente, ela muda de posição na cadeira. Uma pausa para um gole de café. Talvez ela saiba dos meus olhares, mas quem sabe dos meus ouvidos? Há um riozinho, logo atrás da janela, que é possível ouvir correr, e o Noturno também continua soando.

Se um dia houver apenas o silêncio entre a gente, terei guardada essa fotografia do meu carinho por ela.



# Hoje é Dia de Flores

oCarlos Moraes\*

Hoje é dia de flores... uma bosta... não reclame, sem esterco não há plantas... os cheiros se confundem, nos confundem... o perfume das flores não atrai hienas... questão de gosto, queijo bom tem mofo... tudo é podre... até suas melhores intenções... ligações cinestésicas... gozo eminente... a mulher mente? – o homem trai... ambos se amam, desesperados que são pela redenção... eu disse que quero crer em algo... besteira... meu cérebro dói e isso é real... a dor é real... a felicidade, dizemos os poetas, é ilusão... mas o que sabem os poetas, senão distorcer a realidade?... há quem goste de poetas... há quem goste de putas...

\* oCarlos Moraes é a personagem literária de Carlos Moraes... não falo deste, um pequeno'burguês sem deferência... saibamos, é o que nos importa, que o poeta'personagem é autodidata, um trabalhador da língua em busca de estilo e expressão próprios na poesia neocontemporânea...



há quem goste de bêbados... (poetas/putas/bêbados, qual a distinção?)... há gosto para todos... desde que não chore, desde que não repasse agapeve, desde que não cuspa na ideia alheia, eu amo qualquer um que não ame a mim... como posso gostar de alguém que ama assim?... rrárrárrá... pegadinha retórica... rir é sempre bom... a gente não vê o fim... esquece do começo... e toma bem no meio do termo... D+ tudo isso... Tudo de bom... como tudo no mundo, É de deus... rárará... se negar isso Tamo junto... É nós na fita... dos lugares' comuns... lugares' estranhos... lugares' vazios... zona fantasma, essa do medo... “medo meu boi morreu o que será de mim”... conhece? – Belchior, prazer!... outro dia vi no muro: “Marighella vive!”... rrárrárrá... rio de medo, só os fantasmas lutam contra o regime, agora que todos aderiram a algum tipo de regime... não foi do picho histriônico/anacrônico??/atual que ri... foi de imaginar as pessoas a passarem... as pessoas a lerem... as pessoas sem importarem'se... porque não lutam contra o regime (e sim contra a gordura)... porque não sabem (e tem raiva de quem disser) quem foi – ou é, já que vive, rrárrárrá – esse tal Marighella... (para quem não sabe e tem vergonha de perguntar e preguiça de pesquisar, Carlos Marighella foi um poeta... depois comunista... depois guerrilheiro – única forma crível de herói... depois assassinado)... a história não é triste... é real... triste é ela repetir'se ...triste é o muro que não sabe escrever, só aceita tijolos e tinta... triste é o mundo que





gira e não sai do seu lugar ao sol... triste é cagar e não ter papel dupla face aromatizado... não ter nem mesmo um jornal, que só serve para limpar a bunda ou para cobrir mendigos na rua... santo jornal, com suas notícias fabulosas (de fábula ou relativo à ela – às vezes é bom usarmos os vocábulos segundo seu real intento) sempre a nos encobrir a visão... chega... hoje é dia de flores (um dia de primavera)... dia de homenagens (não sei qual é o santo do dia)... e agora eu preciso levantar, não posso passar o dia a escrever besteiras – só fazê-las, que é o que mais sei... para não dizer que não falei só de todos e de ninguém, falei também de mim... os poetas somos os anteparos aos projetos de chumbo.

...



# Entre trilhos

Charlene França \*

Há narrativas caminhando e contorcendo-se por todos os lados. Basta olhar em volta para perceber que a vida é um amontoado de experiências diversas, sedutoras, desconhecidas e entrecruzadas. É preciso somente atentar aos signos, aos símbolos gravados cuidadosamente nas páginas amareladas do cotidiano.

Um pé solitário de um velho tênis pendurado na rede elétrica, próximo à estação do Maracanã, uma moradora de rua carregando pelas mãos a filha, uma criança coberta de sujeira e

\* Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Poeta, cronista e professora de Língua Portuguesa dos ensinos fundamental e médio na Rede Estadual de ensino. É também membro correspondente da ALTO - Academia de Letras de Teófilo Otoni - MG.



esperança, uma página de livro solitária e solta, levada pelo vento do final da tarde de verão.

Tantos anônimos, tanta vida, tanta carência. Carência, inclusive, de assunto. “O lugar onde vivem os assuntos que merecem uma crônica” está repleto, saturado, e assim, todo excesso tem sob si uma falta. Penso no que falta. Penso em desfechos possíveis e plausíveis para a enxurrada de vida desconhecida e emaranhada que me cerca e envolve. Vida que precisa ser desvendada nas entrelinhas do despercebido. Vida enrugada e coberta pelos entulhos diários.

Entro então no trem expresso com as observações e os pensamentos na bolsa preta, desgastada e costumeira. Sento-me próxima à porta enquanto misturam-se no ambiente acalorados debates políticos, gritos de alguém que oferece picolés, agulhas, amendoins e fones de ouvido, além de duas ou três jovens risadas que evidenciam quanta beleza e energia há em amar a tudo e preocupar-se com nada.

Durante esse sacolejo ruidoso, minhas mãos distraídas e cansadas, de súbito, recebem de um menino descalço, trajando apenas uma bermuda azul surrada, um pequeno papel escrito a mão e já gasto pelo contato com outras mãos diversas e igualmente absortas. O bilhete era um pedido de ajuda para a família, da qual fazia parte uma criança menor que necessitava, além de tudo, de fraldas e leite.



Vasculhei assim o bolso e dei ao mocinho duas moedas encontradas, devolvendo também o papel amarelado contendo o pedido de ajuda. Ele recebeu sorrindo e se retirou rapidamente.

- Que Deus te dê em dobro – disse o rapazinho. Afastando-se enquanto eu procurava, sem sucesso, olhá-lo nos olhos. Ele guardou as moedas no bolso, junto de mais algumas recebidas das pessoas próximas, e seguiu em direção à porta do lado oposto ao lado em que eu estava.

No momento em que o trem parou na estação seguinte, o menino desceu apressado, indo ao encontro de um senhor magro e sisudo que parecia esperá-lo. Eu continuei observando de dentro do vagão. A criança retirou do bolso todo o dinheiro recebido e entregou-o ao velho que, sem olhar, enfiou a quantia no bolso. O rapazinho seguiu, de bolsos vazios, parando sozinho um pouco mais adiante, certamente para embarcar no próximo trem e continuar a empreitada.

As mãos vazias e o olhar perdido. O bolso sem nenhum centavo. O senhor se afastava. O menino aguardava. As portas do trem fecharam para que a viagem continuasse. A exploração continuaria em oito minutos e meu sorriso continuaria coberto por uma nuvem cinza durante todo o dia. As minhas inquições então saltaram da bolsa: E as necessidades do moço e do bebê que integrava a sua família? O que o velho faria com o dinheiro?



Haveria algum grau de parentesco? As possíveis respostas ficaram sobre os trilhos.

Há histórias incompletas. Há inúmeras narrativas sem desfecho. Livros sem as páginas principais misturados à outros igualmente inacabados. Segue-se o trem, contudo, as histórias ficam, nuas e desconhecidas, passando rápidas e cinematográficas pelas janelas enquanto no ar apenas ressoa a frase: - Que Deus te dê em dobro.



# Sobre o Natal

Miriam Paiva\*

“Ela” tinha uma inocência curiosa - nem sei se esses dois adjetivos podem habitar a mesma pessoa - mas “Ela” era assim: seus cabelos longos cacheados, as sardas no rosto branco, “branquinha”, renderiam a alusão à levada da breca.

“Ela” de olhos atentos e respostas sempre prontas. Acordava cedo e achava sempre algo para se divertir, essa diversão contida nas pequenas coisas diárias lhe concederia o título de menina estranha.

\* Miriam Paiva é formada em Letras pela UERN, Mestra em Letras (e Melancolia - seu objeto de estudo a partir do livro *As Parceiras*, de Lya Luft), a filha de D. Terezinha, neta de Vó Santinha, a Floreira mãe de Maria Flor (suas maiores parceiras), é mulher do interior, sertaneja, severina, feminista... uma romântica.



“Ela” andava na rua cumprimentando a todos que passavam, ria um riso breve, em curtas gargalhadas interiores, como se já soubesse o quanto a vida era injusta. Naquele dia passear nas ruas do pacato lugar estava ainda mais atrativo, as casas enfeitadas e repletas de luzinhas piscavam tão ansiosas e frenéticas quanto os pensamentos de “Ela”, causando-lhe uma alegria contida. Sabia que era Natal. Esse fato sempre a enchia de questionamentos, sabia que não era uma garota boa, achava até que a bondade não existia de verdade, e no alto dos seus oito anos já sabia que tudo era questão de “ponto de vista”, como um dia ouvira um adulto falar e repetir tão firmemente. Talvez por esse motivo “Ela” perseguisse e capturasse as libélulas, amarrando seus corpos frágeis em longas linhas, que não às impediam de voar, mas também não lhe garantiam a liberdade. “Ela” gostava de olhar cobiçosa àqueles voos tolhidos, voos que se iniciavam felizes, mas que ao fim da linha deixavam sempre a longa frustração. Aprendeu assim que a liberdade também é uma questão de “ponto de vista”. Não! “Ela” não seria uma boa garota, “Ela” pensava em demasia, e por isso caminhar naquelas ruazinhas (bem “zinhas” mesmo) lhe causava tanta angústia. Nos seus passeios diários, “Ela” via, todas às tardes, pendurada na parede da única bodega do lugar, uma linda “calunga”. Parava



frente à boneca desengonçada e sem brio e a olhava com olhos clementes. Nesses instantes, não sabia se seria mesmo a boneca que à olhava sofregamente ou se tal sentimento já a habitava. Saia rápido da porta do pequeno comércio e seguia com o pensamento preso aos olhos oblíquos da boneca. Mas chegou à tarde em que, da porta daquele lugar diário, não mais encontrou os olhos da solitária cúmplice. “Ela” olhou rapidamente nas outras paredes, adentrou o tacanho lugar, com um sentimento de dor perguntou ao Velho dono onde estava aquela sem graça e infeliz calunga. “Ela” ouvira com pesar a notícia que a pobre boneca se fora. Naquela tarde o caminho de volta para casa não parecia tão feliz, nem mesmo o colorido das luzinhas e as músicas alegres e esperançosas que saiam de dentro das casas, misturadas às gargalhadas dos muitos que visitavam o lugar, traziam algum conforto ou alento para “Ela”. Era Natal, que tanta felicidade e alegria poderia conter aquele dia de tanta dor? Nunca mais o olhar clemente e dúbio daquela feia boneca lhe interrogaria, nunca mais sua pequena alegria seria repetida. À noite ceou, correu com as outras meninas uma corrida vã... não ria, não sentia o abraço do Feliz Natal; sentia pela primeira vez à dor da falta, fora deixada sem direito ao abraço primeiro e último. O mundo das crianças de oito anos é cheio de grandes frustrações. “Ela” cansou! Cansou do riso parco, pediu à mãe para dormir,





queria mesmo dar cabo daquele dia, livrar-se dos laços do vestido branco e vermelho, das meias finas agora desfiadas, do sapato branco de verniz apertado.

Naquela noite “Ela” aprendera que o Natal é sempre um sentimento, e que nem sempre todos os presentes compartilham do mesmo sentir. “Ela” saíra da sala olhando as taças que ainda brindavam o nascimento daquele que veio e lhe roubou o olhar amigo. Deitou-se solitária, a vida das meninas é sempre solitária. Ouvia os grilos desesperados à cricrilar, não entendia tudo que existia na noite, mas sempre pensava nos grilos. “Ela” quando sentia medo de ir à cozinha sozinha à noite sempre cantava... estariam os grilos com o mesmo medo da noite? Com esse pensamento dormiu, não sonhou. Sonhava demais acordada. A manhã veio rápida. “Ela” acordou confusa, olhou em volta, tirou o “mosquiteiro” que caíra durante a noite dentro da sua pequena rede, sentiu-se pela primeira vez libélula com gestos tolhidos, naquele instante prometeu não mais prendê-las. Quando conseguiu libertar os pés e colocá-los para fora da rede, sentiu algo a tocá-los. “Ela” apressou-se em saltar do sono para o dia quente que já barulhava pela casa. Com os pés no chão e olhar curioso “Ela” viu o embrulho de papel sem graça, pegou-o e o segurou com a delicadeza com que capturava as libélulas... demorou alguns instantes para que a felicidade chegasse, lhe aquecesse o coração e lhe saltasse às mãos. Ao sentir as mãos



aquecidas não conteve mais o calor do presente, abriu o papel do embrulho e seus olhos encontraram os olhos contritos daquela que outrora desaparecera das suas tardes. “Ela” tomou àquela boneca de olhar soturno e retribuiu-lhe o olhar cúmplice, o olhar amigo de quem não sabe se acabara de ter sorte. Naquele instante calado e taciturno “Ela” celebra um batismo solitário e sem importância, mas que parecia trazer alguma realização, chamou pela primeira vez a calunga por seu nome, que seria eterno em sua memória. “Ela” aninhou a pequena cúmplice, alisou-lhe os cabelos crespos e brilhantes e sem nenhuma beleza, e a batizou de Laura. Àquela pobre e minguada boneca carregava agora o destino breve de alegrar-lhe o dia. Laura retribuiu o momento com um olhar calado e vago, olhar de quem comemora o seu primeiro Natal.

“Ela” e Laura não sorriram, mas sabiam que o Natal é coisa de criança.



# Café

Patrícia Bieging\*

Chile. Julho de 2014. Inverno. Aventureiros.  
Sim... somos aventureiros, eu e meu marido.

- Banho de água de vulcão? Existe? Quero? Quero, claro!

Alugamos um carro, apontamos o GPS, mentes limpas e prontas para as novidades que nos aguardam. Seguimos pelas lindas estradas por mais de uma hora. Paisagens maravilhosas, tudo novo, música boa e a expectativa da chegada.

\* Doutora em comunicação, mestra em educação, publicitária. Ama viajar, ama novidades, ama tudo o que pode ser amado. Gosta das reviravoltas proporcionadas pela vida, mesmo as ruins, acredita que isso ajuda a impulsionar mudanças positivas. Sempre sorridente. Ama a Laura, uma pequenina sapeca que há cerca de 2 anos nasceu para mudar os rumos da sua história.



Frio.  
Muito frio.  
Neve.  
Adoramos neve!  
Manda mais que ainda é pouco.

Internet.  
Ah, a internet.

Vimos todas as imagens de como seria o caminho, as sete piscinas termais, as informações de como chegar, onde comer e o que fazer. A ansiedade era grande, mas nunca deixamos de aproveitar os momentos que este tipo de aventura nos proporciona. Afinal, o grande lance de viajar é aproveitar o “durante”, não importando muito o “fim”. O que queremos mesmo é ter história para contar... se for com emoção fica muito melhor.

Café.  
Ah, o cafezinho.

Preciso provar todos! Melhor se pudermos ver a água escaldante tocando o pó, o aroma subindo e tomando conta do local. Por vezes adocicado, por vezes forte e intenso. Encher os olhos e a alma de alegria, é isso que faz a experiência de um café passado na hora, não importa mais nada. Tomá-lo, depois, é o “fim” da história. Vida, ah, a vida!



A estrada.  
Ah, a estrada.

Muitas curvas, buracos, trechos com asfalto, trechos com lamaçal... perigo? Sim, por todos os lados. Estrada de pista simples, partes sem acostamento. O que mais poderia nos surpreender? Nada. Já tínhamos tudo milimetricamente calculado. Continuamos subindo a estrada rumo ao canyon. Avistamos os Andes, lindos Andes. Picos nevados, branquinhos... branquinhos. Música e boa conversa.

Ops... o GPS perdeu o sinal. Não há de ser nada. Só tem uma rua, seguimos. Quando chegarmos é possível que saibamos que chegamos... não?

Começa a nevar... mais... já tinha nevado à noite toda. Sem problemas, temos correntes de neve. Sabíamos utilizá-la? Ah, o cara explicou e, explicou, está explicado. Parece ser super fácil... mas... quando devemos usá-las mesmo? Ah, deixa pra lá!

A viagem segue.

Paisagens de encher os olhos. Não pensamos em mais nada.



Ops... estrada de terra. Sem problemas, já sabíamos.  
A neve aumenta a intensidade. Legal! Adoramos!

A estrada começa a se tornar mais íngreme e estreita. De um lado um paredão de terra... do outro o penhasco. Em alguns trechos passa apenas um carro por vez.

Que paisagem!

Lama, mas como se formou tanta lama? Até aquele momento a terra estava sólida.

O carro começa a derrapar, escorregar.  
O penhasco.  
O carro sobe de lado.  
Reduz a marcha.  
Calma!  
Segura o pé, mantém a pressão no pedal sem acelerar.  
Nenhum outro carro por perto.  
Buracos. Cuidado com os buracos.  
Atolar? Nunca atolamos.  
Continuamos subindo de lado.  
Vida, ah, a vida!

Café, preciso de um café.  
A neve continua aumentando e ensebando a estrada.  
Café! Por favor, um café!



Coração na boca, mãos grudadas... uma no “puta merda” e a outra no painel do carro. A minha cara? Nem lembro.

Depois de cerca de 30 minutos o “sabão” na estrada acabou.

Nada de café.

Avistamos maior volume de carros.

Ufa, não vamos morrer aqui. Estamos no caminho certo.

À esquerda uma pequena vila, casinhas coloridas em meio à neve e ao barro. O que será? A curiosidade aumenta. Queremos conhecer, mas já temos destino programado. Seguimos!

Mais meia hora se passa e chegamos ao que parecia ser um gigante estacionamento. Neve com um metro de altura. Muita gente indo e vindo. Mas... pra onde? Chegamos até aqui. Vamos também! Afinal, uma vez andarilho, sempre andarilho.

Fomos da direção da massa.

Lama.

Muita lama.

Gelo.

Muito gelo.

Frio, credo, nem 5 minutos andando e já estamos congelando.

Café. Nada de café.



Os Andes são maravilhosos, a vista espetacular, a sensação das melhores, mesmo com o congelante frio e “ventinho agradável”.

Relembrando, procuramos pelos banhos termais com vista para os Andes nevados. Sim, chegamos a eles, mas nada das piscinas. Já estávamos com os trajes de banho por baixo da roupa térmica. Não queremos nem saber, queremos banhos termais. A ansiedade em ficar quase nus no meio do gelo é emocionante. Queremos!

Vamos!  
Peladão, peladão, pedalão...  
Andamos confiantes.

- Pra onde mesmo ficam as piscinas?, perguntei.
- Pra lá moça! Só que a neve está alta e, pelo visto, vai piorar em poucas horas., disse um dos monitores.
- Sem problemas. Pra onde temos que andar?
- Naquela direção, siga a trilha.
- Qual trilha? Deixa pra lá.

Bem, não importa. Seguimos.





Neve, café, neve, neve, neve...  
Meia hora depois...  
Neve, neve, neve...  
Bigode congelado.  
Eu não sabia que tinha bigode.  
Cílios congelados.  
Dor nos dedos dos pés.  
Nada de café.

Uma casinha. Ah, que casinha meiga. Fomos até lá. Casinha abandonada. Ponto de refúgio do frio e da neve. Sem portas, sem janelas, apenas tijolos. Frio da porra! Muito frio da porra! Dói tudo... e o refúgio abriga quem mesmo?

Café.

Não conversávamos há cerca de 15 minutos. Continuávamos marchando. A boca selou? Será? Olho para ele e vejo uma cara de desespero. Mais de um metro de neve, não dou mais conta de andar. Opa... vem gente ali.

- Voltem moça! Não tem como chegar até as piscinas. A neve está muito alta e parte da “trilha” já foi coberta - disse um homem que estava acompanhado por sua família.

- Ah, obrigada!

- Pelo menos vamos até a curva, - digo ao meu marido.



A curva e, depois dela, outra... e outra... e outra. E nada de água de vulcão. Tudo na vida tem um motivo. É o que penso quando não consigo realizar o planejado.

Vontade de chorar.  
Neve.  
Frio.  
Café.  
Nada de café.

Não era para chegarmos até lá. Voltamos.

Dor.  
Frio.  
Mais neve.  
Vento forte.  
Neve direto na cara.  
Vamos correr.  
Não dá!  
Queremos correr.  
É impossível correr.

Café.  
Questão de vida ou morte!  
Café.

Chegamos até o carro.  
Os pneus quase enterrados na neve.  
Lama.  
Neve.  
Café.



- Vamos voltar e ver o que é aquela vilinha colorida que passamos na frente?, pergunto.

- Vamos, lá deve ter café.

O trajeto de retorno é o mesmo.

Lama escorregadia.

Neve.

Penhasco.

Paredão.

Sem café.

Chegamos na rua que leva até a vila. Ah, a vila! Colorida, linda de se ver. Lá deve ter café e lugar quente para se abrigar.

Estrada estreitou ainda mais.

Carros derrapando.

Rua para apenas um carro.

Ou melhor, meio carro.

Não importa, vamos lá, chegamos até aqui.

Café.

Lá estava a vila. Estacionamos. Vamos desbravar a pé por estas ruas enlameadas e escorregadias. Quem se importa! Vamos!

As casinhas ganharam novas cores, um novo olhar. Um colorido diferente. Era uma casa que não tinha nada. Tinha janelas, tinha porta, tinha teto. Tudo improvisado, ou melhor, tudo o que seria possível para aquele povo ter um pouco de conforto



e se esconder de tanto frio. Lâminas térmicas finas marteladas uma sobre as outras, apenas o isolamento, faltou a parede. Chão batido, bem batido. Casinhas altas para tentar fugir da água e da lama que escorriam vagarosamente. Carência de tudo.

Café.  
Lá tinha café.

Escolhemos o lugar de melhor acesso e com menos lama. Estava difícil andar sem quase ir ao chão. Vimos uma casinha logo na entrada da vilinha. Dois degraus nos separavam da entrada. Entramos.

Chão batido. Da porta vimos tudo muito organizado e limpo. Chaleira no fogão. Não. Olhei melhor. Chaleira no latão com fogo a todo vapor. Cadeiras de várias cores. Mesas de madeira cobertas com toalhinhas. Lindo!

Café, é aqui que vamos tomar café. A felicidade encheu o meu coração. O local estava quentinho. Fomos nos sentar.

Quem atende?

Ah, uma senhorinha apareceu apenas com a testa por trás do balcão.

Fomos até ela.



- Bom dia, senhora! Queremos um café, bolo, pão e tudo o que temos direito.

- Podem ficar à vontade. - ela disse.

Procuramos uma mesa. Sentamos.

Café.

Como coisas simples da vida podem trazer tanta felicidade?

Que lugar interessante. Começamos a perceber os detalhes. Quase caí da cadeira, uma das pernas era menor. Não importa! Estávamos felizes! Todas as cadeiras estavam, digamos, quebradas, mas muito bem organizadas às mesas. A toalhinha da mesa revelou-se como um grande pano de chita. Com furos e rasgos. Tudo muito limpo e organizado.

Vou ao banheiro. Tinha que pagar uma taxinha. Não importa. Pagamos. Eles precisam e nós também. É uma troca justa. Banheiro limpo, cheiroso, de chão batido, tudo organizado.

Café.

Cheiro de café.

Arrepio-me.

Uma delícia!

Volto vagorosamente à nossa mesa. A senhorinha de costas para nós já estava junto ao latão, passando a água escaldante no pó de café.



O coração dispara.  
Nó na garganta.  
Emoção.  
Saudade.  
Tudo junto.

Sua fisionomia lembrou-me a minha avó. Que saudade!  
Uma velhinha miúda, entroncada, cabelos finos e curtos, braços grossos, pescoço curto e rosto redondo.

Eu?  
Saudade.  
Ah, a saudade.  
Vontade de chegar mais perto e de abraçá-la.  
O café.  
Esqueci do café.

Algo melhor capturava-me e fazia-me sentir suspensa no tempo e no espaço.

Minha avózinha.  
Na minha frente.  
Depois de tantos anos.

Vida, ah, a vida!  
Surpresas.  
Reencontros.  
Morte.  
Vida.



Eu, ali parada, imóvel, apenas admirando-a e sentindo o cheiro do café. Ela deve fazer um bolo excelente, pensei. O nó na garganta me paralisou. Não consegui pedir o bolo. Deve ser delicioso.

Meu marido me observa.

Minha avó. Sim. Igual. Tudo igual. Tudo de novo. Sinto-me aquela criança de menos de 13 anos novamente. Saudade. Queria abraçá-la. Imagina, que intromissão. Contenho-me.

Café. Lá vem o café. Fumegante e cheiroso. Ela... a avózinha, se aproxima.

- Também vou querer uma fatia de bolo, por favor!

Consegui. Pedi o bolo.

Lá vem ela novamente, posso contemplá-la por mais tempo.

Muita coisa para um espaço de tempo tão pequeno.

Vida, ah, a vida!

Estar aberta é importante.

Conectar-se ao mundo e deixar-se inundar pelas emoções, tem disso.

É preciso abrir-se para novas energias.



A neve.  
O frio.  
O café.  
A lama.  
O penhasco.  
O paredão.  
O café.  
A vila.  
A casinha.  
O café.  
O chão batido.  
O isolamento térmico.  
A avózinha.  
A saudade que aperta em uma xícara de café.  
Vida, ah, a vida!





[www.pimentacultural.com](http://www.pimentacultural.com)

# cotidiano nu e cru



peripécia

